

## **A CARREIRA CONTINUA: A PERCEPÇÃO DE EX-ATLETAS SOBRE A VIDA APÓS AS COMPETIÇÕES**

**ELIZA PINTO NARCISO SALTARELLI**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**DENISE APARECIDA HIPÓLITO BORGES**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**MÔNICA CARVALHO ALVES CAPPELLE**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

# A CARREIRA CONTINUA: A PERCEPÇÃO DE EX-ATLETAS SOBRE A VIDA APÓS AS COMPETIÇÕES

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre carreira têm direcionado seu enfoque para os conceitos tradicionais da temática os quais estão ligados, normalmente, às estruturas organizacionais. Em outros termos, o conceito de carreira tem sido reservado para aqueles que esperam desfrutar de aumentos estabelecidos dentro de uma profissão respeitável, de uma estrutura pré-estabelecida e com uma sequência de empregos reforçando a ligação entre cargos e carreiras em organizações (BARLEY, 1989).

O grande problema desta lente teórica sobre carreiras recai na limitação de deixar de lado outras profissões que não se enquadram neste formato tradicional, por isso, alguns autores como Carvalho (2015) entendem que os indivíduos podem assumir a existência de uma carreira para si sem necessariamente estarem vinculados à organizações. Nesse sentido, “a carreira pode englobar vivências do indivíduo no contexto concreto do ambiente de trabalho, mas que não estão circunscritas a ele” (CARVALHO, 2015, p. 33).

A exemplo disso pode-se analisar a carreira no esporte. Essa carreira pode ser compreendida como a ocupação em atividades esportivas realizadas de maneira prática e constante de uma modalidade ou atividade esportiva ao longo da vida de um atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos. Esta carreira é construída desde quando o indivíduo inicia a prática esportiva e segue até a sua aposentadoria como atleta (SANTOS e ALEXANDRINO, 2015; TENENBAUM e KLUND, 2007).

Entretanto, o termo “aposentadoria” na carreira esportiva tem sido alvo de discussões na academia. Partindo da análise de Costa e Soares (2009), aposentar-se significa se afastar do trabalho, da carreira e nem sempre é o que ocorre com os ex-atletas de alto rendimento. Como a carreira inicia muito cedo para esses profissionais e também se encerra muito cedo nas competições por volta dos 35 anos de idade (IBGE, 2013) muitas vezes eles optam por permanecer no esporte desenvolvendo outras atividades correlatas.

Para alguns autores como Maciel (2015), Santos e Alexandrino (2015) e Ferreira Junior e Rubio (2017) apesar deste momento ser tratado como o fim da carreira esportiva de alto rendimento ele é também a possibilidade de início de uma nova atividade, ou seja, trata-se de um momento de mudança, de transição e não de finalização. Assim, considerando a aposentadoria como um processo marcante na vida dos atletas de alto rendimento simbolizando a transição de uma fase do esporte para outra desenvolveu-se o presente estudo cujos objetivos e pressupostos estão descritos a seguir.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Diante das concepções apresentadas, a pesquisa foi conduzida com o intuito de responder a seguinte questão de pesquisa: **Como é feita a transição da carreira esportiva do atleta após a atuação no alto rendimento?** Partindo do pressuposto de que o atleta compreende o momento da sua “aposentadoria” das competições como um marco, uma transição e não como o fim de sua carreira no esporte e, em busca de respostas para tal indagação, o objetivo central deste artigo foi compreender como ocorre o processo de transição de carreira de atletas de alto rendimento. De maneira específica objetivou-se:

- 1) Identificar se houve planejamento sobre o momento de transição na carreira do atleta;
- 2) Conhecer as motivações e influências da escolha de encerrar a carreira de competições;

### 3) Compreender como o ex-atleta entende o momento pós-transição.

Estudos como este que está sendo proposto são importantes e se justificam à medida que auxiliam outros pesquisadores a buscar novos conhecimentos sobre o tema de carreiras no esporte e contribuem para maior compreensão sobre esse fenômeno. A pretensão aqui é auxiliar e instigar novas pesquisas de maneira a ampliar o arcabouço teórico sobre a temática e mesmo, possibilitar novas discussões alertando os atletas sobre a necessidade de planejarem suas carreiras para um período tão difícil como é a transição.

## **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **3.1. Carreiras como trajetória do indivíduo**

A evolução do significado de carreiras acompanha avanços sociais e econômicos o que permite incorporar ao conceito elementos variados da trajetória de vida do indivíduo localizada no tempo e no espaço lidando com estabilidades e instabilidades que envolvem a experiência da pessoa. Tradicionalmente os estudos de carreira tem seu foco em carreiras formais e/ou tradicionais através do entrelaçamento do conceito de carreira e estruturas organizacionais, o que não se faz necessário ou obrigatório (BENDASSOLI, 2009; CAMPOS; CAPELLE; MACIEL, 2017).

Neste sentido, os conceitos iniciais de carreira voltavam-se ao enquadramento dos indivíduos em profissões e estruturas. Por exemplo, para Chanlat (1995), a noção de carreira é uma ideia historicamente recente que surgiu com a sociedade industrial capitalista liberal e significa "um ofício, uma profissão que apresenta etapas, uma progressão" (p.69). Tolfo (2002) afirma que tradicionalmente a carreira está relacionada à ocupação e à profissão, e tem sido associada ao sucesso e à ascensão social. Seria, portanto, um caminho a ser trilhado profissionalmente possibilitando ao longo do tempo progresso nas posições ocupadas, sendo a carreira um importante indicativo das oportunidades de desenvolvimento profissional que uma organização possibilita aos seus profissionais.

Segundo Barley (1989) tradicionalmente o termo carreira tem sido reservado para aqueles que esperam desfrutar de aumentos estabelecidos dentro de uma profissão respeitável, de uma estrutura pré-estabelecida e como uma sequência de empregos reforçando ligação entre cargos e carreiras. A importância de se discutir até que ponto isto corresponde com a realidade, está em inserir na discussão de carreiras profissionais liberais, autônomos, prestadores de serviços ou dos que tinham uma trajetória descontínua de trabalho (RIBEIRO, 2009).

Deste modo, ampliar o entendimento sobre o que é carreira perpassa discutir as não-carreiras. Os indivíduos que não se encontram vinculados à uma estrutura específica, em geral se encaixavam na não carreira. Segundo Ribeiro (2009) enquanto a carreira prediz uma estrutura predefinida na qual as pessoas constroem uma trajetória e que depende do vínculo à organizações e instituições, que são os ambientes em que a carreira se cria e obtém legitimidade social, a não-carreira está associada ao mundo do trabalho de maneira geral e refere-se a uma trajetória de trabalho em que o futuro pode não ser previsto. Assim Carvalho (2015) considera que:

os indivíduos podem assumir a existência de uma carreira para si, sem necessariamente estarem vinculados a organizações. A carreira pode englobar vivências do indivíduo no contexto concreto do ambiente de trabalho, mas que não estão circunscritas a ele (CARVALHO, 2015, p. 33).

Ribeiro (2009) discute como essas implicações se transformam em desafio na contemporaneidade para os estudos de carreira, complementando que requisita uma posição em relação ao mundo que contemple tanto a mudança (movimento), quanto a permanência (essência), pois as carreiras acompanham as transformações ocorridas na sociedade, economia

e política e a forma como as organizações e os trabalhadores se relacionam, redefinindo as relações entre o capital e o trabalho (BENDASSOLLI, 2009; SILVA, BALASSIANO e SILVA, 2014).

O entendimento de que o campo de carreiras é interdisciplinar corrobora com a possibilidade de se estudar carreiras a partir de uma perspectiva ampla e reconhece as contribuições e influência de várias áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, psicologia social, teorias da aprendizagem e abordagens institucionais, por exemplo, na origem e desenvolvimento dos estudos sobre carreiras (MOORE, GUNZ e HALL, 2007; KHAPOVA e ARTHUR, 2011). Compreender o conceito de carreira como amplo e contextualizado para demonstrar as sequências de experiências de indivíduos ao longo do tempo pode auxiliar num primeiro entendimento de sua interdisciplinaridade, se unirmos a isso a ideia de que a carreira está relacionada aos indivíduos, as organizações e é ampla, dinâmica e inacabada ao longo do tempo e espaço.

Partindo disto, pode-se falar nas dimensões que envolvem a carreira. Bendassoli (2009), Ribeiro (2009) e Carvalho et al. (2015) apresentam uma divisão analítica que permite analisar as trajetórias dos indivíduos de maneira mais completa e atribuindo a elas a complexidade que lhes é devida. Carvalho et al. (2015) discutem a relevância de se considerar elementos constitutivos dos contextos micro e macrosociais em que as pessoas vivem, trabalham e apreendem em duas dimensões a objetiva e a subjetiva. Já Bendassoli (2009) denomina estas dimensões de pessoais e sociais, enquanto que Ribeiro (2009) as chamam de administrativa e psicossocial. A dimensão macro denominada objetiva ou social abrange as estruturas nas quais as carreiras estão inseridas seja em uma organização ou na sociedade como um todo. A dimensão micro denominada subjetiva ou pessoal, envolve aspectos individuais como crenças, valores, emoções, motivação, desejos e intenções (BENDASSOLLI, 2009; CARVALHO et al., 2015). Ressalta-se que essa divisão é apenas analítica e problematizadora e assume-se uma perspectiva que integram essas dimensões superando a dualidade do conceito, como ressaltam Carvalho et al. (2015) que afirmam que esta visão permite que as carreiras podem ser abordadas sob múltiplos aspectos de análise.

Além disso, Jones e Dunn (2007) enfatizam que os estudos de carreiras podem fornecer uma ponte conceitual entre os níveis micro – indivíduos, e macro – instituições, de análise e uma âncora intelectual para os fenômenos de interesse dos estudiosos organizacionais. Assim, as carreiras são os meios para compreender fenômenos sociais complexos e importantes, através da ideia da carreira como processo, inserida em contextos. O contexto sócio histórico pode sinalizar mudanças que afetam o planejamento e a configuração das carreiras para e pelos indivíduos (CARVALHO, 2015). Essas discussões permitem perceber o desenvolvimento a relevância de fatores contextuais para os estudos de carreira e suas influências crescentes no comportamento de carreira individual. Isso demonstra uma sincronia entre os contextos e a esfera individual na lógica das carreiras que influenciam a maneira de estudá-las.

Assim, para se estudar carreiras a partir de uma perspectiva complexa e que contemple essas dimensões, Mayrhofer et al. (2007) afirmam que carreiras são sempre carreiras em um determinado contexto. Estes autores defendem que o foco dos estudos deve estar pautado nos indivíduos, nas organizações e na sociedade, e as carreiras localizadas na interseção da história da sociedade e da biografia individual. Assim, não se limitam a visão corporativa de promoções e hierarquias estruturadas em que o indivíduo se movimenta ao longo da vida profissional. Pois, como apontado por Bendassoli (2009) o conceito de carreira é capaz de mediar as diversas dimensões da experiência humana em torno do trabalho, em uma problemática que envolve o individual e o contextual como centrais.

O entendimento de carreiras como um fenômeno amplo e sem predefinições excludentes, o aprofundamento na forma como as estruturas da sociedade moldam comportamentos e a vida das pessoas, e a maneira como as pessoas que desafiam a ordem social

vivem e experimentam o mundo social. Pode-se obter, a partir de uma visão de carreira que compreenda-a como a trajetória de uma pessoa no tempo e espaço, as estabilidades e instabilidades que a compõe, uma melhor compreensão dos indivíduos, de suas vidas e perspectivas e da (des)organização da sociedade.

Partir-se-á desta perspectiva para analisar a carreira de atletas de alto rendimento, principalmente no que diz respeito à transição. Para dar continuidade a esta contextualização a seguir será a apresentada a carreira esportiva.

### **3.2. A carreira esportiva**

A partir da perspectiva sobre carreiras apresentada, é discutido a seguir a carreira esportiva do atleta de alto rendimento. Há discussões sobre considerar o esporte como profissão, trabalho e conseqüentemente carreira, por não possuir características embasadas em modelos clássicos e por suas especificidades quanto ao início, desenvolvimento e encerramento da carreira esportiva (SANTOS e ALEXANDRINO, 2015; CAMPOS, CAPELLE e MACIEL, 2017). A intenção deste trabalho é superar essas discussões já que ao se considerar a trajetória do indivíduo todas as etapas e dimensões são contempladas.

A carreira esportiva pode ser considerada como a ocupação em atividades esportivas realizadas de maneira prática e constante de uma modalidade ou atividade esportiva ao longo da vida de um atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos. Esta carreira é construída desde quando o indivíduo inicia a prática esportiva e segue até a sua aposentadoria como atleta (SANTOS e ALEXANDRINO, 2015; TENENBAUM e KLUND, 2007). A sua duração é definida de acordo com as especificidades de cada modalidade. Normalmente, inicia-se a carreira esportiva na infância e se finda na idade adulta, antes dos 40 anos de idade (COB, 2014).

Santos e Alexandrino (2015) destacam que a prática esportiva envolve diversos fatores como motivação, histórico de vida e alguns facilitadores e limitadores que podem ocorrer durante sua trajetória. Além disso, há de se considerar que ao longo desse processo os atletas passam por diferentes situações e que envolve fases e transições nos níveis atlético, psicológico, psicossocial, acadêmico e vocacional, que vão desde o início, ao alto rendimento e posteriormente à finalização da carreira competitiva (SANTOS e ALEXANDRINO, 2015).

Marques e Samulski (2009) apresentam as transições na carreira esportiva como foco do seu estudo, sendo elas, a iniciação esportiva e a construção da base de fundamentos; o investimento no treinamento para competições iniciais; a participação de competições mais expressivas, tais como eventos regionais e estaduais; competições de alto nível, ou seja, eventos nacionais e internacionais, bem como a inserção em grandes clubes, profissionalizando-se no esporte, e por fim a aposentadoria na prática esportiva. Para os autores, é relevante se considerar o apoio social ao fim desta carreira e as diversas influências ao longo do seu desenvolvimento.

Campos, Capelle e Maciel (2017) argumentam que ao se considerar as fases específicas para o alcance do objetivo do alto rendimento encontra-se a evidência de que a prática esportiva pode de fato ser considerada como uma carreira profissional, uma vez que há fases específicas de alcance e desejo que devem ser manejadas para atingir a alta performance.

Destaca-se a importância da participação do técnico e da família na iniciação de uma carreira esportiva (MACIEL e MORAES, 2008). Verardi e De Marco (2008) apresentam que famílias que têm o entendimento da importância e do valor do esporte ou o gosto pela prática esportiva, normalmente, são aquelas que apoiam a carreira esportiva dos seus filhos, ou seja, influenciando a carreira esportiva dos mesmos. Campos, Capelle e Maciel (2017) destacam o contexto social como grande influenciador, pois dele fazem parte aspectos que impactam na decisão, manutenção e continuidade do atleta no esporte.

Contexto este que também sofre impactos do esporte. Destaca-se o caráter sociocultural do esporte como integrador de valores sociais e econômicos, já que a atividade esportiva pode

ser vista também como uma fonte de rendimento, tanto por parte dos atletas, técnicos dirigentes, dentre outros, quanto por parte de organizações vinculadas a imagem esportiva, isto é, marcas esportivas, produtos relacionados ao esporte e outros que fazem uso da imagem do atleta para buscar renda econômica. Tais questões quando analisadas do ponto de vista do atleta fazem considerar o esporte de alto rendimento como trabalho, uma vez que demanda esforço persistente para sedimentação e há retorno financeiro, além do que as conquistas e projeções individuais dos atletas caracterizam e são referência das modalidades que praticam. Além disso, relacionando os interesses indivíduo às expectativas e necessidades do seu meio, a prática esportiva deve estar contextualizada com a realidade esportiva (PIRES, 2007; MACIEL e MORAES, 2008; CAMPOS, CAPELLE e MACIEL, 2017).

Ao abordar a carreira esportiva, torna-se importante caracterizar e diferenciar as diversas modalidades uma vez que inúmeros fatores, especialmente psicológicos direcionam a escolha e a prática de uma modalidade (SAMULSKI, 2009). Neste contexto e de forma generalizada, agrupam-se as modalidades em individuais e coletivas. Nas primeiras, o indivíduo depende exclusivamente do seu esforço e comprometimento a fim de alcançar suas metas; nas segundas, as responsabilidades são divididas pelos integrantes dos times, assim, o resultado depende do trabalho em equipe (GALLAHUE e OZMUN, 2003).

Este estudo foi realizado com atletas que atuaram em modalidades de esporte coletivo e participaram de competições de alto rendimento. O foco das entrevistas foi delineado em um momento específico da carreira esportiva: o encerramento da participação em competições. Este assunto será tratado na próxima sessão.

### **3.3. Aposentadoria na carreira esportiva: um momento de transição**

Na carreira esportiva a iniciação ocorre na infância e o alto rendimento na juventude ou enquanto adulto jovem, sendo comum a finalização da participação em competições por volta dos 35 anos de idade (IBGE, 2013) tratando-se assim de uma carreira que tem como especificidade o início e aposentadoria, aqui chamada de transição, precoces. A partir disso, é importante conhecer e compreender os fatores envolvidos com a transição para uma nova etapa profissional e pessoal.

Partindo de uma análise etimológica da palavra *aposentadoria* Costa e Soares (2009) apresentam duas ideias centrais. A primeira refere-se a retirar-se do aposento de trabalho, devendo o indivíduo dele se afastar; a segunda refere-se à ideia de júbilo, ou seja, premiação pelo tempo dedicado a uma atividade. Considerando-se a aposentadoria na carreira esportiva, pode-se compreender que as ideias são cabíveis, tendo em vista que, no primeiro caso, ao findar a vida competitiva, o atleta se afasta desta realidade e, no segundo caso, quando se atinge o alto rendimento, o ex-atleta foi beneficiado pelos anos de preparação física e, principalmente, psicológica que certamente serão transferidas para a sua nova atividade, isso sem considerar os ganhos financeiros e sociais obtidos através do esporte.

A aposentadoria no contexto das carreiras esportivas é um processo cognitivo de reestruturação após o fim de uma etapa, que representa o desfecho da busca dos objetivos e realizações pessoais no âmbito esportivo de alto rendimento (SANTOS e ALEXANDRINO, 2015). Maciel (2015) aponta que a o período de transição, após a fase de competições esportivas é perpassada por peculiaridades, como o fato de que o indivíduo deve se (re) orientar para recomençar após lidar com as premissas físicas e psicológicas do alto rendimento, e que leva consigo bagagens psicológicas e sociais advindas da prática esportiva. Este período é acompanhado por estresse, medo, ansiedade e requer do indivíduo um ajustamento emocional a um novo grupo e estilo de vida (BRANDÃO et al., 2000).

Apesar deste momento ser tratado como o fim da carreira esportiva e a possibilidade de início de uma nova atividade (MACIEL, 2015; SANTOS e ALEXANDRINO, 2015;

FERREIRA JUNIOR e RUBIO, 2017), argumenta-se que este momento é de mudança e transição e não de finalização.

Neste trabalho a aposentadoria é tida como um momento marcante na vida de todas as pessoas, independentemente de sua ocupação ou formação profissional. Ao final da trajetória profissional, os sujeitos aguardam a aposentadoria e seus impactos. Por suas possíveis consequências em termos das identidades dos sujeitos, a aposentadoria é entendida como um fenômeno que simboliza a transição de fases na vida das pessoas. Complementa-se que o processo de ajustamento dos sujeitos à aposentadoria está correlacionado a seus atributos pessoais, aos fatores do seu trabalho e da organização onde trabalhava e a seus aspectos familiares e socioeconômicos (MARRA, 2013).

Outra importante consideração da autora é sobre considerar carreira e trajetória como sinônimos, pois ambos descrevem a trajetória de entrada do indivíduo no mercado de trabalho e a continuidade de seu percurso ao longo de sua vida profissional e considerando o tempo ao longo das trajetórias profissionais. As trajetórias são divididas em trajetória objetiva: delimitada pelas ocupações exercidas pelo indivíduo ao longo do tempo; e trajetória subjetiva: vivências do indivíduo sobre a sua trajetória que geram sentido para as posições ocupadas e escolhas realizadas (MARRA, 2013).

Portanto, não há de se falar em aposentadoria como um fim, mas como um momento crucial em que o indivíduo pode dar continuidade a sua trajetória. Além de entendida como um marco na vida das pessoas, considera-se a complexidade desta transição e o impacto na identidade, subjetividade e relações pessoais e profissionais. As constantes alterações culturais e mercadológicas permitem enxergar este momento crucial não como o fim da linha, mas o início de uma nova etapa da trajetória. Os indivíduos que se aposentam não deixam de possuir suas carreiras, a carreira permanece e se transforma neste novo contexto, seja por meio de novas atividades, seja pela identidade do indivíduo que permanece voltado a ela.

Retomando para o contexto do esporte, existem diversos fatores que podem interferir na decisão sobre o momento de transição. Santos e Alexandrino (2015), tratam as transições como eventos que causam desequilíbrios na trajetória do atleta e que podem ser normativas, quando há um planejamento sobre elas e as não normativas que dizem respeito a mudanças inesperadas como lesões. Nesse sentido, Brandão et al. (2000) afirma que a transição é resultado de fatores individuais e influências sociais, como idade, novos interesses, fadiga física e psicológica, dificuldades com equipe técnica, resultados em declínio, dentre outros.

Independente do motivo da transição há uma importante mudança e reestruturação no modo de vida do indivíduo que varia de acordo com a personalidade e disposição de cada pessoa, podendo ter efeitos mais ou menos positivos ou negativos (MACIEL, 2015). Além disso, a transição na carreira esportiva representam "mudanças de pressupostos pessoais, mudanças que requerem um conjunto de competências que possibilitem a atleta se adequar às novas dimensões e demandas da vida pós-atleta" (FERREIRA JUNIOR e RUBIO, 2017, p.189) e estas mudanças tem influência sob aspectos cognitivos, emocionais e de comportamento (BRANDÃO et al., 2000).

Ferreira Junior e Rubio (2017) afirmam que a forma como o esportista vivencia a transição está relacionada aos eventos desencadeadores, dependendo da existência ou não de suporte, das características individuais de enfrentamento e dos significados atribuídos à mudança. Outros aspectos a serem considerados são a percepção dos atletas sobre identidade própria, percepção de controle e identidade social, pois relacionam-se ao status e ao modo como respondem ao fim da carreira (BRANDÃO et al., 2000).

Sobre a qualidade desta transição Brandão et al (2000) cita fatores de adaptação como: "experiências de desenvolvimento, auto-identidade, percepções de controle, identificação social e contribuições de terceiros, e dos recursos disponíveis para adaptação a transição de carreira como estratégias para lidar com a situação de transição, apoio social e um prévio

planejamento de aposentadoria" (BRANDÃO et al., 2000, p.50). Os autores também destacam a importância do planejamento para este momento, o que segundo eles é negligenciado por alguns atletas que acreditam que a notoriedade será suficiente para este momento.

Para lidar com essa mudança é importante tratar da preparação do indivíduo para este momento, o que influenciará na vida após a transição. Maciel (2015) destaca a importância de se aproveitar habilidades desenvolvidas e adquiridas ao longo da carreira esportiva são completamente desejáveis, como o autocontrole emocional, a disciplina e motivação. Outro fator relevante é considerar o apoio social ao fim da carreira, sobretudo considerando que o indivíduo ainda é produtivo (CAMPOS, CAPELLE e MACIEL, 2017).

Maciel (2015) afirma que pouca ênfase é dada a carreira profissional futura, mas que na maioria dos casos, a nova carreira tem ligação com a modalidade praticada., evidenciando-se a falta de preparo, ou a não projeção ou preocupação dos atletas de alto rendimento para com a sua carreira profissional após o esporte, justificada pela grande demanda de envolvimento com o esporte, o que pode vir a tirar o foco do atleta para necessidades posteriores.

Em revisão de literatura, Brandão et al. (2000) apontam seis fatores que podem dificultar o processo de transição de atletas:

- 1) uma identidade fortemente ou exclusivamente baseada na performance esportiva; 2) uma grande diferença entre o nível de aspiração e o nível de habilidade; 3) pouca experiência com transições similares; 4) déficit emocional ou comportamental limitantes da adaptação às mudanças; 5) relacionamentos de suporte limitados e 6) necessidade de lidar com mudanças em um contexto pobre de recursos materiais e emocionais necessários. (BRANDÃO et al., 2000, p. 57)

Sobre a questão da transição da carreira esportiva na vida pós-atleta, ou seja, qual será a nova carreira do ex-atleta Brandão et al. (2000) afirmam que o planejamento pode incluir várias atividades, inclusive a continuidade de educação, ocupacionais, investimentos e trabalho social. Marques e Samulski (2009) apresentam que os atletas, em geral, planejam bem a sua carreira esportiva, contudo, não no que concerne a sua formação escolar. A busca de formação profissional para atuação após a vida de atleta, o que viria a contribuir para dar continuidade às atividades após a transição. Principalmente se houver o interesse em atuar no esporte já que o Conselho Federal de Educação Física, tem como exigência que o indivíduo precisa estar habilitado por formação adquirida em cursos de graduação em Educação Física ou afins, tendo em vista que a profissão é regulamentada desde 1998 (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2000) o que não é obrigatório para os atletas, que não precisam cursar nenhum nível da Educação Básica ou Ensino Superior (MACIEL, 2015).

Por fim, este momento é melhor assimilado pelos atletas se estiver relacionado a uma escolha pessoal, se houve cumprimento das metas e objetivos traçados, se conseguirem se manter envolvidos com o meio esportivos, se complementaram os estudos e se alcançaram o topo (BRANDÃO et al., 2000).

Compreender este processo de transição pode ser valioso para se conhecer a trajetória do indivíduo, o impacto de acontecimentos pessoais e profissionais e como ocorre sua subjetivação e construção da identidade ao longo do espaço tempo.

#### **4. METODOLOGIA**

O rigor metodológico, segundo Dresch, Lacerda e Miguel (2015), é extremamente necessário para garantir a validade e a confiabilidade de uma pesquisa científica e, por isso, deve ser demonstrado de forma bastante detalhada afim de possibilitar que outros pesquisadores trilhem o mesmo caminho percorrido em novas investigações e mesmo, em outros campos do

saber científico. Para os referidos autores, a decisão que leva os pesquisadores à escolha metodológica está intrinsicamente associada aos seus posicionamentos ontológicos e epistemológicos. Assim, em termos ontológicos, a pesquisa seguiu o paradigma construtivista, orientado epistemologicamente pela abordagem interpretativista e assim, com a escolha metodológica qualitativa.

A presente pesquisa tem caráter exploratório com o objetivo de compreender como ocorre o processo de transição de carreira de atletas de alto rendimento no intuito de conhecer uma realidade pouco estudada até o momento. Os atores de pesquisa foram selecionados a partir dos seguintes critérios: são atletas que já interromperam suas participações em competições esportivas de alto rendimento e atuaram em modalidades de esporte coletivo. A escolha dos ex-atletas ocorreu ao acaso: à medida que aconteciam as entrevistas um entrevistado indicava outros atletas para a pesquisa. Após contatos iniciais, aqueles que demonstraram ter interesse e disponibilidade considerando também a acessibilidade aos mesmos, foram selecionados para participar da pesquisa.

Assim, foram realizadas dez entrevistas presenciais e individuais a partir de um roteiro semi-estruturado com atletas de modalidades diversas, conforme ilustrado na tabela 1. As entrevistas foram feitas no período de outubro de 2018 à junho de 2019.

Tabela 1: Identificação dos entrevistados

<b>Entrevistados/ Modalidade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Código de Identificação</b>	<b>Esporte de atuação</b>	<b>Atividade atual</b>
Ex-atleta de vôlei	Masculino	Atleta 1	Vôlei	Gestor de Clube
Ex-atleta de vôlei	Feminino	Atleta 2	Vôlei	Comitês e Competições Master
Ex-atleta de futebol	Masculino	Atleta 3	Futebol	Instrutor
Ex-atleta de futebol	Masculino	Atleta 4	Futebol	Instrutor
Ex-atleta de futebol	Masculino	Atleta 5	Futebol	Instrutor
Ex-atleta de futebol	Masculino	Atleta 6	Futebol	Comentarista esportivo e palestrante
Ex-atleta de handebol	Feminino	Atleta 7	Handbol	Projeto de equipe
Ex-atleta de handebol	Masculino	Atleta 8	Handbol	Gestora e mantenedora de equipe
Ex-atleta de futebol	Feminino	Atleta 9	Futebol	Treinadora, gestora e agenciadora de atletas
Ex-atleta de basquete	Masculino	Atleta 10	Basquete	Treinador

Fonte: Das autoras (2019)

O *corpus* de pesquisa foi construído a partir da transcrição das entrevistas na íntegra, as quais foram gravadas após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O material coletado foi explorado a partir da técnica de análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (2011) para a análise temática, a qual objetiva encontrar os núcleos de sentido. Nesses termos, foi realizada a pré-análise (transcrição e organização do *corpus*), a exploração do material (categorização e seleção) e o tratamento dos resultados (inferências, hermenêutica das pesquisadoras). Foram escolhidas três categorias prévias para a análise com base nos objetivos específicos propostos: “Planejando a transição”; “Contexto de transição: motivações e influências” e “Momento pós-transição”.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados neste trabalho apresentam a percepção dos ex-atletas sobre as categorias de análise. Antes de apresentar a discussão sobre essas categorias, cabe esclarecer sobre a denominação dos participantes. Seguindo os preceitos da pesquisa de Campos, Capelle e Maciel (2017), serão denominados ex-atletas o universo de pessoas que atuaram como atletas de alto rendimento e atualmente não competem mais.

### 5.1. Planejando a transição

O Objetivo desta categoria é discutir se houve ou não, na percepção dos ex-atletas, preocupação com o momento da transição. O início da atividade esportiva, para a maioria dos entrevistados, deu-se durante a infância e adolescência. O que era uma oportunidade de atividade física foi se transformando em profissão a medida em que se destacavam nas modalidades que participavam.

“Eu nem sabia qual era, do que se tratava o que era ser um atleta. Eu estava lá para praticar, pra aprender mas não tinha objetivo claro não.” (Ex-atleta 1)

“Você sabe que não, na época que eu jogava eu não imaginava o que que poderia ser, eu achava que eu ia ser uma professora de Educação Física, dando aula em escola, era essa o que eu pensava que eu ia dar continuidade, era nisso daí e na como professora de educação física foi exatamente o que aconteceu comigo (...)” (Ex-atleta2)

No entanto, desde este momento pode-se considerar que a carreira esportiva já vinha sendo delineada, pois conforme Santos e Alexandrino (2015) a carreira é construída a desde quando o indivíduo inicia a prática esportiva e segue até a sua aposentadoria como atleta e compreende as atividades esportivas praticadas ao longo da vida do indivíduo.

Assim, segundo os relatos, não se pensava no esporte como uma carreira até o momento em que efetivamente houve a vinculação a alguma instituição esportiva ou clubes. A partir do momento em que essa vinculação ocorre, os ex-atletas passam a ter como principal preocupação o ganho financeiro para ajudar as famílias e melhorar suas condições de vida.

“Eu sempre tinha uma preocupação com meu futuro profissional, não só como atleta, mas como profissional. Eu venho de uma família bem humilde e eu sabia que se eu não fosse atleta eu teria que trabalhar teria que estudar então sempre houve uma preocupação nesse sentido” (Ex-atleta 1)

Passam então a viver do esporte, sendo este a principal fonte de recurso financeiro. O que corrobora com a afirmação de que o esporte de alto rendimento pode ser considerado um trabalho devido ao retorno financeiro e recompensas sobre o esforço desempenhado (PIRES, 2007; MACIEL e MORAES, 2008; CAMPOS, CAPELLE e MACIEL, 2017).

Mesmo não tendo um planejamento para quando deixarem de competir, os participantes demonstraram que possuíam consciência de que a carreira findaria precocemente, como é comum no esporte.

“O meu preparo foi que todo o meu dinheiro que eu ganhei no futebol, eu investi em imóveis de aluguel. Então, esse era a minha intenção. Eu falei "olha, eu vou ter uma renda, né, que seria quando eu parar e a minha aposentadoria vai ser os alugueis", certo? (...) Porque o atleta, ele não tem, a carreira dele é curta, né, 20 e poucos anos. Isso aí todos nós sabemos, né, que, então ele tem que pensar no pós, né, então essa era a minha preocupação. Eu falei "olha, vai chegar uma hora que eu vou ter que parar, e eu vou parar com 40 anos. E 40 anos é novo ainda (...)” (Ex-atleta 4)

“Não, nunca teve, isso nunca teve. Essa era uma coisa particular, individual. A gente nunca foi preparado para, “e aí, mais a frente, quando...”, eu acho que isso é muito mal aproveitado aqui no Brasil, muito mal aproveitado mesmo, porque tem pessoas excelentes que já pararam, que poderiam estar sendo aproveitadas a nível de confederação, de federação, até de comitê olímpico e dão oportunidade pra pouquíssimas pessoas, não aproveitam.” (Ex-atleta 7)

Considerando o contexto apresentado pelos entrevistados, a falta de planejamento pode estar relacionada ao fato de muitos terem finalizado a participação em competições de maneira inesperada, principalmente por lesões irreversíveis. Nos casos em que a idade dos ex-atletas já não contribuía para o alto rendimento o momento da transição parece ter sido mais pensado, mas como veremos no próximo tópico não menos traumáticos.

Brandão et al. (2000) já afirmaram que o planejamento sobre a transição é negligenciado pelos atletas. Os autores também destacam a importância do planejamento para este momento, o que segundo eles é negligenciado por alguns atletas que acreditam que a notoriedade será suficiente para este momento.

Nesse sentido, quando fala-se em preparação pode-se citar o interesse dos indivíduos em permanecer envolvidos com o esporte, o que faz com que muitos procurem a formação em Educação Física como alternativa para se manter na área. Maciel (2015) também está de acordo com esta constatação quando afirma que pouca ênfase é dada a carreira profissional futura, mas que na maioria dos casos, há ligação com a modalidade praticada

“Sim, eu tinha em trabalhar dentro do esporte. A minha ideia era trabalhar como professor de educação física mas como, mas infelizmente eu não tive esse sucesso porque a lesão no joelho me comprometeu a poder trabalhar dentro do esporte (...) (Ex-atleta 6)”

“É, a ideia sempre foi continuar no futebol, então eu fui me preparar, como eu falei, em todas as vertentes que o futebol atende, né, eu queria tá no futebol porque era meu maior interesse e porque era de fato o que eu sabia fazer.” (Ex-atleta 9)

Desta forma, evidencia-se a falta de preparo, ou a não projeção ou preocupação dos ex-atletas de alto rendimento para com a sua carreira profissional após o esporte.

Outro aspecto que pode ser considerado é a preparação a partir da formação profissional, assim como previram Brandão et al (2000), Marques e Samulski (2009) e Maciel (2015). No caso dos ex-atletas entrevistados a formação mais citada foi na área de Educação Física. Os participantes demonstraram interesse pela área e alguns revelaram estar cursando ou terem cursado faculdade, enquanto que outros justificaram o fato de não terem buscado tal formação.

“Porque às vezes os atletas se dedicam muito e deixam o estudo de lado. Depois, fica meio sem saber pra onde vai porque se você não tem uma profissão, são muitos ex-atletas, sabe, então na hora de empregar é uma história muito bonita, você ganhou título, mas e agora, qual sua formação? “ah não, eu só sou atleta”. “desculpa mas eu não vou poder te empregar”. (...)” (Ex-atleta 8)

“Já vinha há alguns anos pensando e me preparando pra parar de jogar. Eu sei que essa parte da transição é muito difícil. Então eu já vinha estudando, eu sabia que eu queria atuar na área do futebol ainda. Fiz isso a vida inteira, não seria possível fazer uma outra coisa até porque pelo know-how que eu tenho na modalidade, pelas experiências que obtive enquanto eu jogava, então eu vim me preparando, fazendo cursos de treinadora, cursos de gestão, cursos de *scouting*, cursos de treinadora também da UEFA, então já vem um período aí de 5 anos que eu venho estudando muito, é, abrindo todas as vertentes do futebol para que pudesse seguir carreira no futebol.” (Ex-atleta 9)

“Sim, minha formação, durante a minha carreira eu me preocupei na minha formação como professor de educação física era onde eu queria atuar né, já como técnico e fiz essa transição, tava prepara pra essa transição.” (Ex-atleta 10)

Assim, há um consenso de que as ações sobre o momento da transição não são planejadas, mas as preocupações assemelham-se em relação a manter-se financeiramente e em permanecer envolvidos com o esporte. Compreender o momento da transição como uma mudança na trajetória do indivíduo pode contribuir para ampliar a ideia de que a preparação para este momento é importante e relevante, principalmente se tratando da continuidade da carreira.

## **5.2. Contexto de transição: motivações e influências**

Nesta categoria as principais motivações e influências que determinaram o momento da transição, entendida como a decisão de parar de competir, serão abordadas.

O principal motivo relatado pelos entrevistados foram lesões e condições físicas inadequadas para competir. Nesse sentido, o momento de transição relaciona-se a um desequilíbrio não normativo, ou seja relaciona-se a uma mudança inesperada, conforme Santos e Alexandrino (2015) e Ferreira Junior e Rubio (2017) e é resultado de fatores individuais e influências sociais, como idade, novos interesses, fadiga física e psicológica, dificuldades com equipe técnica, resultados em declínio, dentre outros conforme Brandão et al. (2000).

Assim, os relatos revelam que, como já esperado, esta decisão ocorreu precocemente, no entanto de maneira inesperada, o que tornou o momento da transição diferente do que imaginavam.

“Então, eu me programei pra jogar até os 40 anos, certo? Só que como eu te falei, em 2006 eu descobri a, o diabetes e as lesões no caso, a, o problema do joelho, né, o desgaste do joelho fez com que eu não continuasse né, porque eu não ia ter o mesmo desempenho. Não ia estar conseguindo jogar em alto nível, né. Então se fosse pra ficar também não podendo render, então não era interessante pra mim (...)Foi com 35, 36 anos”. (Ex-atleta 4)

Mesmo compreendendo que não tinham condições de continuar com a rotina de treinos e competições, os ex-atletas demonstram que gostariam de ter continuado se fosse possível.

“Eu acho que foi pelo lado físico mesmo, foi pelo lado físico se o meu físico ainda pudesse aguentar mais um pouquinho eu ainda tinha continuado porque não foi pelo lado de falta técnica pelo lado de queda de nível não, foi por esse lado, foi pelas consequências dos treinamentos que foram acarretando esses problemas todos que me foi me dando dificuldade em até ter que se adaptar para que eu pudesse continuar mais um pouquinho (...)” (Ex-atleta 2)

Apareceram ainda como motivações estar mais próximo da família e dificuldades de relacionamento com técnicos/dirigentes. Além disso, quando questionados como foi a repercussão entre familiares e colegas do esporte, os relatos demonstram que receber apoio foi importante para dar continuidade na decisão. Este aspecto tido como apoio social, pode contribuir para a qualidade da transição conforme afirmou Brandão et al. (2000).

Portanto, no que diz respeito às motivações para a decisão de interromper a carreira de competições e realizar a transição, não houve novidades em relação ao que aponta a literatura visitada nos aportes teóricos deste trabalho. Sem planejamento prévio e tendo de parar cedo por conta de desgaste físico e lesões, o ex-atleta precisa encarar o momento pós-transição.

## **5.3. Momento pós-transição.**

Por fim buscou-se compreender a experiência dos ex-atletas sobre o momento pós-transição. Os relatos demonstram que o momento pós-transição é de reflexão e de grandes conflitos internos.

“Há bem pouco tempo atrás eu falava que com a minha aposentadoria eu havia renascido. Mas agora nos últimos meses eu tenho pensado sobre isso. Eu acho que sim, foi um fim, um fim muito doloroso, difícil, essa dor eu não senti logo de cara, vim sentir aos poucos, mas também essa dor que me fez renascer. Me descobri a me reinventar.” (Ex-atleta 1)

A fala do Atleta 1 demonstra como a aposentadoria no contexto das carreiras esportivas é um processo cognitivo de reestruturação após o fim de uma etapa, (SANTOS e ALEXANDRINO, 2015), e é acompanhada por sentimentos de estresse, medo, ansiedade e requer do indivíduo um ajustamento emocional a um novo grupo e estilo de vida (BRANDÃO et al., 2000).

Entre os entrevistados todos permaneceram envolvidos no esporte, como treinadores, gestores/dirigentes ou membros de comitês esportivos. Esta decisão parece estar pautada mais em oportunidades que surgiram do que em um planejamento e preparação e é motivada pela visão e apelo afetivos que têm sobre o esporte, pois desta forma não se afastam da “glória” que viveram.

“Ah, achei bem dolorida a transição. Mas eu compensei quando formei essa minha equipe (...)” (Ex-atleta 8)

“Com certeza um recomeço. Uma nova vida onde eu falei que talvez seja uma possibilidade talvez até maior de deixar um legado pra outras atletas que estão por vir que não precisem enfrentar os mesmos problemas que enfrentamos no passado.” (Ex-atleta 9)

Na direção do argumento de que trata-se de um momento de transição e não de finalização, quando questionados sobre se se consideram mais realizados atualmente do que na época em que competiam, todos os ex-atletas afirmam que eram mais realizados quando participavam das competições e possuíam rotina de atleta de alto desempenho. Assim, as atividades atuais, apesar de importantes, pois mantém o vínculo com o status de atleta, não substitui a sensação de ser visto como atleta de alto rendimento.

“Muito difícil comparar, é... Ser atleta profissional e conquistar títulos não há comparação. Talvez o que se compara na minha vida é o nascimento dos meus dois filhos. Eu me sinto em processo de realização. Realizado talvez, quando fala realizado pra mim assim, por exemplo, “ok, cumpri minha missão”, não, ainda tô descobrindo ainda qual é a minha missão, tô em processo, descobrindo aos poucos.” (Ex-atleta 1)

O fato de manterem atividades relacionadas ao esporte está de acordo com o que Maciel (2015) defende, ao dizer que apesar da pouca ênfase dada a carreira profissional futura, a nova carreira tem ligação com a modalidade praticada, evidenciando-se a falta de preparo, ou a não projeção ou preocupação enquanto atletas de alto rendimento para com a sua carreira profissional após o esporte. Essa situação tem consequências na identidade e subjetividade dos indivíduos que afirmam que encontrar uma atividade para se dedicar após a carreira de competições pode se transformar em um momento de renascimento e redescoberta.

“É, dentro de campo um fim, mas um recomeço dentro do futebol podendo estar passando tudo aquilo que eu aprendi dentro desse tempo de carreira, então, é as duas coisas, né. É você saber que em competição de nível alto você nunca mais vai poder estar, mas quem sabe futuramente fora dele a gente vai poder tar voltando a sentir esse clima, logicamente não dentro do campo, mas, quem sabe num banco de reserva aí, né”. (Ex-atleta 5)

“Um recomeço de vida. Um recomeço de vida e o realmente a viver, a viver como todas as outras pessoas. Entendeu? Um renascimento, com certeza. Hoje eu vou ser uma pessoa como meus pais, meus irmãos e meus amigos fora o esporte. Então é um renascimento.” (Ex-atleta 7)

Ao se considerar a trajetória do indivíduo verifica-se uma continuidade na experiência em relação ao esporte. Mesmo enfrentando o momento de transição como de ruptura, os indivíduos encontram motivação em sua identificação com o esporte para continuar atuando profissionalmente e contribuindo com seus conhecimentos e experiências.

Isto ressalta a importância de se considerar aspectos subjetivos para o estudo das carreiras, pois a percepção dos ex-atletas evidenciam que não apenas o fato de deixar de competir ou atuar como atleta de uma equipe interfere em sua trajetória e escolha, mas também aspectos subjetivos como motivações pessoais, família, o desejo e a realização de permanecer ligados ao esporte e continuarem sendo reconhecidos pela sua atuação esportiva. Integrando assim, as dimensões em torno da carreira conforme indicado por Bendassolli (2009) e Carvalho et al. (2015).

## **6. CONCLUSÃO/CONTRIBUIÇÃO**

O presente estudo buscou responder a seguinte questão de pesquisa: Como é feita a transição da carreira esportiva do atleta após a atuação como atleta de alto rendimento? Partindo do pressuposto de que o atleta compreende o momento da sua “aposentadoria” das competições como um marco, uma transição e não como o fim de sua carreira no esporte, objetivou-se compreender como ocorre o processo de transição de carreira desses atletas de alto rendimento.

Os achados desta investigação apontam que na maioria dos casos não há planejamento para a transição. As carreiras são iniciadas muito cedo e normalmente o atleta não pensa no futuro, apenas em viver o momento tão desejado proporcionado pelo alto rendimento como o reconhecimento pelo sucesso e os retornos financeiros. Nesse sentido, a grande preocupação está em ajudar a família proporcionando-lhes melhores condições de vida. Entretanto, a maioria desses ex-atletas relatam que no início, devido a falta de experiência, não pensam que o alto rendimento seja uma fase momentânea, ao contrário, acreditam e desejam continuar envolvidos com o esporte durante muito tempo.

Nesse contexto, os atletas não esperam que alguns imprevistos aconteçam e que estes possam interromper suas carreiras. Verificou-se na pesquisa que o condicionamento físico é o principal motivo para a transição (encerramento do alto rendimento/novas possibilidades no esporte) e que gostariam de ter continuado caso tivessem condições físicas. Essa motivação vem acompanhada da influência da família uma vez que o esporte lhes toma muito tempo e há cobrança dos familiares em função da ausência exigida no alto rendimento.

Por outro lado, notou-se que a transição não é vista como um fim da carreira, mas ao contrário disso o momento pós-transição é vislumbrado como novas possibilidades de continuar se dedicando ao esporte de maneira diferente. Muitos relataram esse período como um momento difícil, porém, de grande reflexão, de renascimento e de redescoberta. O que aponta para a importância de se continuar abordando aspectos subjetivos ao pesquisar sobre carreira esportiva.

Assim, confirma-se a tese de que o atleta compreende o momento da sua “aposentadoria” das competições como uma transição e não como o fim de sua carreira e isso acontece devido ao forte apelo emocional e envolvimento afetivo dos atletas com sua trajetória de sucesso no mundo do esporte e é por isso que buscam continuar atuando em áreas correlatas. É importante relatar que não houve intenções das pesquisadoras em esgotar o assunto neste artigo, mas de instigar as discussões a respeito do tema. As limitações relacionadas à quantidade dos atores entrevistados podem ser superadas com novas entrevistas e com desportistas de outras modalidades, nesse sentido, fica a sugestão para outras agendas de pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. pp. 280. **Análise de conteúdo**, v. 70, 2011.
- BARLEY, S. R. Careers, identities, and institutions: The legacy of the Chicago School of Sociology. In: ARTHUR, Michael B.; HALL, Douglas T.; LAWRENCE, Barbara S. (Ed.). **Handbook of career theory**. Cambridge University Press, 1989. p. 41-65.
- BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.49, n.4, p.387-400, dez.2009.
- BENELI, L. M. **Trajetória esportiva de atletas de alto rendimento no basquetebol masculino e feminino no Brasil: estudo retrospectivo**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2018.
- BRANDÃO, M. R. F. et al. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Rev. bras. ciênc. mov**, v. 8, n. 1, p. 49-58, 2000.
- CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31-41, 2017.
- CARVALHO, F. A. P. **Carreira e Aprendizagem: um estudo com gestores públicos federais egressos da Escola Nacional de Administração Pública**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2015.
- CARVALHO, F. A. P.; BRITO, V. G. B.; BRITO, M. J.; PAIVA, A. L. Expressões metafóricas sobre carreira: perspectivas e procedimentos de análise. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 16, n. 2, p. 219-229, 2015.
- CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? (I). RAE – **Revista da Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.6, p.67–75, nov./dez., 1995.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Carta brasileira de educação física**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2000. Disponível em: <<http://www.confef.org.br>>. Acesso em: 03 jan. 2014.
- COSTA, A. B.; SOARES, D. H. P. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Revista Psicologia, Organização**
- DRESCH, A.; LACERDA, D. P.; MIGUEL, P. A. C. A distinctive analysis of case study, action research and design science research. **Revista brasileira de gestão de negócios**, v. 17, n. 56, p. 1116-1133, 2015.
- FERREIRA JUNIOR, N.; RUBIO, K. Término, transição e vida pós-atleta entre corredoras olímpicas brasileiras. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 2, p. 187-209, 2017.
- GALLAHUE, D. L. OZMUN, J. C. **Compreendendo O Desenvolvimento Motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 641p. 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco de dados agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática– SIDRA**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 dez. 2013.
- JONES, C.; DUNN, M. B. CAREERS AND INSTITUTIONS: The Centrality of Career to Organizational Studies. In: GUNZ, Hugh P.; PEIPERL, Maury. **Handbook of career studies**. SAGE publications, 2007. p. 437-450.

- KHAPOVA, S. N.; ARTHUR, M. B. Interdisciplinary approaches to contemporary career studies. **Human Relations**, v. 64, n. 1, p. 3-17, 2011.
- MACIEL, L. H. R.; MORAES, L. C. C. A. **Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo**. Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte. Sevilla, España: Facultad de Formación del Profesorado. Vol. 3, n. 2, pp. 241-258, 2008
- MACIEL, L. H. R. **Construções e transições de carreiras no Esporte Profissional: um estudo com ex-atletas de alto rendimento**. Universidade Federal de Lavras. Lavras. 2015.
- MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. **Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo. v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.
- MARRA, A. V. et al. Imaginário, subjetividade e aposentadoria feminina. **BBR - Brazilian Business Review**, v. 8, n. 2, 2013.
- MAYRHOFER, W.; MEYER, M.; STEYRER, J. Contextual issues in the study of careers. In: GUNZ, H. P.; PEIPERL, M. **Handbook of career studies**. Thousand Oaks: SAGE publications, 2007. p. 215-240.
- MOORE, C.; GUNZ, H.; HALL, D. T. TRACING THE HISTORICAL ROOTS OF CAREER THEORY IN MANAGEMENT AND ORGANIZATION STUDIES. In: GUNZ, Hugh P.; PEIPERL, Maury. **Handbook of career studies**. SAGE publications, 2007. p. 13-38.
- PIRES, G. **Agôn – Gestão do Desporto**. Portugal, Porto: Porto Editora LDA. 2007. 351p.
- RIBEIRO, M. A. A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 203-216, dez. 2009.
- SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte: Conceitos e novas perspectivas**. 2ª Ed. Barueri: Editora Manole, 400p. 2009.
- SANTOS, A. L. P. dos; ALEXANDRINO, R. R. Desenvolvimento da carreira do atleta: Análise das fases e transições. **Conexões**, v. 13, n. 2, p. 185-205, 2015.
- SILVA, J. R. da; BALASSIANO, M.; SILVA, A. R. L. Burocrata proteano: articulações de carreira em torno e além do setor público. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 1, 2014.
- TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. **Handbook of sport psychology**. 3. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007. 445 p.
- TOLFO, S. da R. A carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 2, n. 2, p. 39-63, 2002.
- VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. **Iniciação esportiva: a influência de pais professores e técnicos**. Arquivos em Movimento. Rio de Janeiro, v.4, n.2, 2008. p. 102-123.